

Uma descrição da variação lexical de sinais de alimentos em Libras em três municípios alagoanos

A description of lexical variation of food signs in Libras in three municipalities in Alagoas

Jerlan Pereira Batista* 

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo geral descrever as variações lexicais de sinais de alimentos em Libras dentro da comunidade surda em três regiões do estado de Alagoas: Maceió, São Miguel dos Campos e Arapiraca. Os estudos no campo da variação linguística da Libras são considerados recentes, visto que as pesquisas linguísticas em língua de sinais começaram com maior frequência a partir do ano de 1960. Assim sendo, este estudo contribui para o fortalecimento do campo em investigação e pode servir como alicerce para outros estudos acadêmicos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, com uma metodologia laboviana para coleta e análise de dados. Como embasamento teórico, utilizou-se os seguintes autores: Labov (1972); Santos (2018); Quadros (2019, 2023), além de outros. Diante disso, os resultados indicaram que o fator região incide diretamente na distribuição das variantes por participante, apontando uma estratificação bem delimitada na amostra em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Brasileira de Sinais. Variação linguística. Léxico.

ABSTRACT: The general objective of this work is to describe the lexical variations of food signs in Libras within the deaf community in three regions of the state of Alagoas: Maceió, São Miguel dos Campos and Arapiraca. Studies in the field of linguistic variation in Libras are considered recent, given that linguistic research in sign language began more frequently in the year 1960. Therefore, this study contributes to strengthening the field under investigation and can serve as a foundation for other academic studies. To this end, a qualitative research approach was carried out, using a Labovian methodology for data collection and analysis. As a theoretical basis, the following authors were used: Labov (1972); Santos (2018); Quadros (2019, 2023), among others. Therefore, the results indicated that the region factor directly affects the distribution of variants per participant, pointing to a well-defined stratification in the sample in question.

KEYWORDS: Brazilian Sign Language. Linguistic variation. Lexicon.

* Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. jerlanpbatista@gmail.com

1 Introdução

A Constituição Federal de 1988, além de representar um marco para a democracia no Brasil, estabelece como língua oficial a língua portuguesa. Apenas a partir do ano de 2002 a Língua Brasileira de Sinais, Libras, foi oficialmente reconhecida língua de expressão da comunidade surda através da promulgação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002). Essa data é, portanto, significativa para as pesquisas sobre a Libras no Brasil, que se intensificaram com o reconhecimento da língua. A partir de então, observa-se um crescente avanço no alcance e no uso da Libras, a língua da comunidade surda brasileira¹. Essa ampliação se deve, em grande parte, às políticas adotadas a nível federal voltadas à disseminação da Libras através do surgimento de centros de atendimento à pessoa surda em nível estadual, da criação de cursos de Letras Libras em todo o Brasil e de concursos para professores e intérpretes de Libras em todo o território brasileiro.

Esses avanços no nível social acarretaram também um crescente número de pesquisas sobre a Libras no Brasil. Vale salientar que, de modo geral, as pesquisas sobre as línguas de sinais são recentes. Em 1960, com Willian Stokoe, as línguas de sinais começaram a ser investigadas pelo campo da linguística (Quadros *et al.*, 2023). A partir de então, muitos pesquisadores (ouvintes e surdos) têm se debruçado sobre o funcionamento e o uso das línguas de sinais, e com a Libras não é diferente. Trabalhos como os de Felipe (1989) e Ferreira-Brito (1995) marcam o início dessa investigação linguística no país.

Mesmo com o avanço mencionado, decorrente das medidas sociais a partir da lei de reconhecimento da Libras, ainda são emergentes os estudos sobre essa língua na área da linguística. Quando voltamos o nosso olhar para a investigação na área da sociolinguística, vemos um número incipiente se compararmos com estudos sobre a língua portuguesa, por exemplo.

¹ É importante ressaltar que a Libras não é a única língua de sinais do Brasil (Quadros, 2019).

Apesar disso, os trabalhos que analisam as variações linguísticas na Libras estão em desenvolvimento. No estado de Alagoas, por exemplo, há o trabalho de Dizeu (2014) publicado, que apresentou uma análise sobre as variações no nível fonológico e lexical da Libras falada na capital Maceió. Há, nesse sentido, um impulso para novas investigações sobre as variações presentes no estado.

Se observarmos os falantes de Libras de uma capital e compararmos com falantes de cidades do interior, muitas diferenças serão encontradas, a depender da situação. Com o passar do tempo, muitas mudanças podem ocorrer ou não numa dada língua. Isso depende, entre outros fatores, das questões sociais e culturais de cada local.

Essas diferenças são observadas quando olhamos para diferentes sinais que são realizados para um mesmo significado. Por trabalhar há muitos anos com a comunidade surda de Alagoas, e por ser um surdo alagoano, percebi variações lexicais de uma maneira significativa. A vivência com a comunidade surda alagoana em diferentes espaços, como o Centro de Atendimento ao Surdo do Estado (CAS-AL), que oferece, entre outras atividades, Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos surdos em fase escolar de todo o estado desde 2006, e a Associação de Surdos de Alagoas (ASAL), que tem promovido palestras e eventos para esse público, fortalecendo o contato entre os surdos, se tornaram campos férteis para perceber que há variações lexicais faladas no estado.

Em meio a esse contexto, escolheu-se então investigar, a priori, os sinais utilizados por surdos de Maceió, Arapiraca e São Miguel dos Campos, uma vez que, nessas cidades, a comunidade surda é bastante ativa e por apresentarem variantes diferentes para diversos sinais.

Segundo Kenedy (2016 *apud* Santos, 2018, p. 62), o léxico “é o conjunto das informações sobre morfemas, palavras e expressões que se encontram estocadas na mente humana e são acessadas pelo Sistema Computacional durante a derivação de representações linguísticas”, ou seja, por mais que se possa pensar que o léxico é

somente uma lista de sinais ou de palavras, entendemos que ele é responsável não somente por armazenar os sinais, mas por conter informações sobre os itens lexicais que se relacionam com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica.

Portanto, este trabalho tem como objetivo principal descrever as variações lexicais de sinais de alimentos em Libras dentro da comunidade surda em três regiões do estado de Alagoas: Maceió, São Miguel dos Campos e Arapiraca².

2 Metodologia

Para cumprir o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualiquantitativa, com a metodologia laboviana para coleta e análise dos dados.

A análise da variação e da mudança linguística, tarefa seminal da Sociolinguística laboviana, descreve os diferentes usos da língua pelos grupos que compõem a sociedade e explica como as mais distintas inserções individuais no meio social induzem a diferentes usos da língua, estabelecendo o padrão e o perfil de cada comunidade linguística (Santos; Vitória, 2011, p. 13).

Vale salientar que não foram contemplados todos os procedimentos metodológicos previstos por Labov (1972) de forma detalhada, tais como: classe social, idade, sexo/gênero e outros. Neste estudo, o foco maior foi dado ao regional tanto em relação à estratificação dos participantes quanto em relação à coleta e à análise dos dados, uma vez que a pesquisa em língua de sinais apresenta diferenças em relação à pesquisa de línguas orais, como a modalidade de comunicação dos seus falantes, a espaço-visual, por exemplo. Por se tratar de uma investigação recente no Brasil e, por conta disso, não haver aplicações do método laboviano à risca, foi proposta uma metodologia voltada para as especificidades da língua de sinais em investigação, isto é, a Libras e suas variantes.

² O artigo é um recorte da dissertação intitulada “A variação lexical em Libras em três municípios do estado de Alagoas”, que está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGL/UFAL) e que foi defendida no ano de 2020.

2.1 Da caracterização dos surdos participantes à coleta e análise de dados

Conforme o objetivo, trabalhamos com três regiões de Alagoas, a saber: Maceió (capital), São Miguel dos Campos e Arapiraca. Nessas três cidades, percebemos um grande quantitativo de surdos e um forte movimento da comunidade surda. Diante disso, a pesquisa foi realizada com 12 indivíduos surdos oriundos desses três municípios. Entre eles, homens (06) e mulheres (06) na faixa etária de 20 a 40 anos, ou seja, são adultos, dispostos em dois grupos: os que estão cursando ou já cursaram o Ensino Médio (06) e os que estão cursando ou concluíram o Ensino Superior (06). Todos os surdos apresentam perda auditiva profunda.

No Quadro 01, a seguir, é possível identificar a caracterização dos participantes de forma detalhada com a seguinte estratificação: 1) Variável regional: Maceió (MCZ), São Miguel dos Campos (SÃO) e Arapiraca (ARA); 2) Variável sexo: Homem (H) e Mulher (M); 3) Variável escolaridade: Ensino Médio (EM) e Ensino Superior (SU). Essas variáveis serão observadas e descritas nos resultados.

Quadro 01 – Códigos dos participantes.

	Códigos		Códigos		Códigos
1	H-EM-MCZ	5	H-EM-SÃO	9	H-EM-ARA
2	M-EM-MCZ	6	M-EM-SÃO	10	M-EM-ARA
3	H-SU-MCZ	7	H-SU-SÃO	11	H-SU-ARA
4	M-SU-MCZ	8	M-SU-SÃO	12	M-SU-ARA

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Para que os surdos participantes pudessem se sentir mais à vontade, fui a cada município com o intuito de encontrá-los e realizar a pesquisa. Um fator que contribuiu foi o conhecimento dos participantes, pois sou ativo na comunidade surda alagoana há muitos anos e possuo um vínculo com os grupos de pessoas surdas no estado.

Para a coleta de dados, utilizamos como modelo o trabalho realizado por Santos (2018). O autor realizou uma pesquisa na cidade de Maceió-AL com crianças surdas e ouvintes, buscando investigar como essas crianças produziam hipônimos e hiperônimos para animais. A pesquisa do autor mencionado foi realizada a partir de “tarefas de produção eliciada”, com base nos autores Glora e Silva (2014). Esse método consiste em incentivar a produção por parte do participante de um determinado dado linguístico, objeto da pesquisa. De acordo com Santos (2018, p. 90), foram “apresentadas às crianças fichas com imagens dos animais” para que, a partir desse incentivo, elas produzissem o léxico a ser investigado.

Diante disso, entrei em contato com os surdos para confirmar as suas participações e realizar os procedimentos de coleta de dados. Após esse momento, segui em direção a cada município no dia e horário pré-agendados com o intuito de coletar os dados. Esse procedimento aconteceu em ambientes de escolas públicas ou na casa dos próprios participantes, de acordo com a necessidade de cada um. Para a gravação dos dados, foi utilizado um celular smartphone suspenso em um tripé. A câmera foi enquadrada de maneira que o participante e o pesquisador fossem vistos. As imagens do participante foram projetadas quase que lateralmente, conforme a imagem a seguir.

Figura 1 — Exemplo de captura de sinal.



Fonte: Santos (2018, p. 123).

Antes de iniciar a pesquisa, cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e respondeu a uma ficha social para

registro das informações do perfil de cada um deles. Após esse momento, mostrei uma folha de tamanho A4 com uma imagem (Quadro 02) correspondendo aos alimentos: Amendoim, Maracujá e Goiaba. O participante surdo deveria realizar o sinal para os três referentes lexicais³, os quais foram selecionados a partir de observações *in locu*, como associações e eventos com a temática da surdez e a Libras, onde se notou que alguns surdos enunciavam alguns sinais com os mesmos significados usando itens lexicais distintos, dentre os quais estavam os itens analisados nesta pesquisa.

Quadro 02 – Imagens dos três referentes lexicais utilizados.

Figura 01 – AMENDOIM



Fonte: <https://images.app.goo.gl/ZSrKSPuj8g26pfAW6>

Figura 02 – MARACUJÁ



Fonte:
<https://images.app.goo.gl/ZHWYTF8bL99kApGe8>

³ É importante salientar que neste estudo foram selecionados para discussão somente três referentes lexicais, mas, na pesquisa de mestrado, havia mais dois referentes que serviram como dados.

Figura 03 – GOIABA



Fonte: <https://images.app.goo.gl/3ipkK6b3JH9tT3xb7>

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Quando o participante não realizava o sinal do referente, fui fazendo pequenas interferências, perguntando se o participante gostava da fruta ou do alimento. Vale salientar que em nenhum momento foi produzido sinal algum para o referente. Quando precisou fazer qualquer tipo de referência, fiz uso de apontação com o olhar ou com o dedo indicador, fazendo uso de dêixis.

Com a gravação da coleta realizada, os vídeos foram salvos no disco virtual Google Drive após a coleta nos três municípios. Esse momento foi considerado árduo, pois foi preciso assistir a cada vídeo e analisá-lo de forma minuciosa, buscando tirar *printscreen* do momento em que o participante realizou cada sinal pesquisado. Cada print diz respeito a um token a ser analisado. Dessa forma, sendo 12 participantes, realizando 3 sinais, 36 tokens/prints foram analisados. Por fim, foi construído um quadro no programa Word com a produção de cada participante para cada imagem de referência e foram descritos os dados linguísticos utilizando como base Johnston e Schembri (2007)⁴.

É importante salientar que foi buscado registro dos léxicos com o intuito de observar possíveis variações. Assim sendo, selecionamos o dicionário de Libras (Capovilla; Raphael; Maurício, 2012) como um aporte para a descrição dos léxicos

⁴ Os autores propõem categorias de análise baseadas no modelo de Stokoe, sendo elas: espaço, movimento e configuração de mão. Eles utilizam três tipos de espaço, o real, o topográfico e o abstrato. Em relação ao movimento, tem-se: localização, distribuição, trajetória, modo e formato. No que tange às configurações de mão, são divididas em três subgrupos: entidade, manipulação e forma (Johnston; Schembri, 2007).

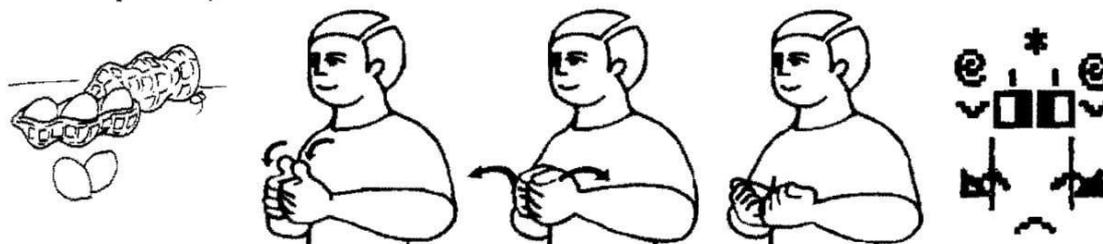
investigados. Nos resultados, os dados serão descritos da seguinte maneira: 1) Descrição do léxico no dicionário; 2) Descrição das variantes encontradas na sinalização dos surdos participantes; 3) Descrição estatística da variação social e regional e 4) Análise geral dos dados obtidos.

3 Resultados

Os dados obtidos trouxeram um esclarecimento das variantes lexicais percebidas, o que possibilita a sua descrição. É importante apresentar o que estamos chamando de variação lexical, se opondo à variação fonológica. As variações fonológicas são caracterizadas pela alternância de um parâmetro (movimento, locação, configuração de mão e orientação) num mesmo sinal, com a mesma estrutura lexical, ou seja, trata-se de uma mesma entrada lexical, com uma diferença fonológica de produção. Na variação lexical, além da diferença entre mais de um parâmetro, há uma diferença na estrutura lexical do sinal no que diz respeito às unidades de representação, por exemplo (Xavier, 2011).

Dito isso, descrevemos as variantes por item, levando em conta seus aspectos fonológicos, para efeito de análise, e lexicais. O primeiro item descrito é o léxico AMENDOIM. No dicionário de Libras (Capovilla; Raphael; Maurício, 2012), ele está registrado utilizando as duas mãos com a configuração 4 (👉)⁵, como é possível observar na Figura 2.

Figura 2 – Sinal para AMENDOIM segundo o dicionário de Libras.



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício (2012).

⁵ As configurações de mão utilizadas na análise são aquelas descritas por Faria-Nascimento (2009).

A análise descritiva do léxico encontrado pelos surdos participantes denota 6 variantes para o que foi registrado no dicionário, como é possível observar nas Figuras 3 e 4.

Figura 3 – Variantes I, II e III para o léxico AMENDOIM.

IMAGEM	VARIANTE I	VARIANTE II	VARIANTE III
			
AMENDOIM			
			

Fonte: elaborada pelo autor (2020).

A Variante I apresenta três partes, as quais explicaremos separadamente e, por fim, falaremos sobre as três em conjunto. Na primeira parte, ela é realizada com a configuração 4 (👉), com as duas mãos realizando um movimento de dentro para fora no espaço neutro. Do ponto de vista do sinal de representação, vemos que o sinal é feito no espaço do espectador, já que representa alguém abrindo um amendoim. O movimento é de modo, já que o movimento representa a maneira como o sinalizante

manuseia o amendoim. A configuração é de manipulação, mais especificamente de “segurar”, que é, junto com o movimento, a principal marca de iconicidade⁶ do sinal, ou seja, a maneira como se abre um amendoim.

Na segunda parte da Variante I, o sinalizante utilizou a configuração 4 () com uma mão próxima à boca, sem contato. Enquanto a mão faz um movimento breve com os dedos, a boca sopra a mão. Esse sinal de representação também é feito no espaço do espectador, com um movimento de modo e uma configuração de segurar. O sinal é icônico, pois representa a maneira como uma pessoa retira a pele vermelha do amendoim.

Ainda na Variante I, em sua terceira parte, o sinal é feito com a configuração 51 () em ambas as mãos. As mãos estão realizando um movimento alternado para frente e para trás em contato, deslizando uma na outra no espaço neutro. Não diferente das variantes I e II, do ponto de vista da representação, o sinal é feito no espaço do espectador, com um movimento de modo e com a configuração de manuseio. Nesse exemplo, o sinal representa o sinalizante esfregando o amendoim nas mãos para sair a pele vermelha, de uma forma diferente da variante II. Quanto ao conjunto das três partes, percebemos que há uma sequência na maneira como a pessoa sinalizou, entretanto é possível que a pessoa tenha dito diversas variantes para o mesmo sinal no sentido de ser mais assertiva quanto ao léxico sinalizado.

A variante II apresenta a mesma estrutura fonológica e lexical da segunda parte da primeira variante. Por essa razão, não precisaremos descrevê-la novamente. O mesmo acontece com a variante III, que tem a mesma estrutura da terceira parte da variante I. Deteremo-nos em analisar agora a variante IV, que apresenta uma diferença estrutural.

⁶ Iconicidade, segundo Quadros (2019 p. 24), “é uma representação mais direta do mundo real (em oposição ao que seria uma representação abstrata)”.

Figura 4 – Variantes IV, V e VI para o léxico AMENDOIM.



Fonte: elaborada pelo autor (2020).

A variante IV se assemelha de certa forma à primeira parte da variante I, pois também representa uma pessoa tirando a casca do amendoim. No entanto, do ponto de vista morfológico, há algumas diferenças. Com a mão esquerda, sendo ela a mão não dominante, o sinalizante utiliza a configuração 26 (👉) com o dedo apontando para frente no espaço neutro. Com a mão dominante, o sinalizante, com a configuração 4 (👉), inicia o movimento em contato com a mão não dominante e, em seguida, se afasta para o lado direito com um movimento semicircular.

Quanto às unidades de representação, vemos que o sinal é feito no espaço do espectador com um movimento de modo, assim como as demais variantes. No entanto, as configurações têm naturezas diferentes. A configuração 26 da mão não dominante é de entidade inteira, já que representa o próprio amendoim, enquanto a configuração 4 da mão dominante é de manipulação, assim como as demais.

É importante pontuar que, por aparecer tanto na primeira quanto na segunda parte da variante I, e também na variante IV, a configuração 4 (👉), que representa também a letra A de amendoim no português, consideramos que houve aqui um

empréstimo pelo fato de a configuração ser também a primeira letra da palavra no português.

As variantes V e VI são combinações de partes estruturadas já descritas. A variante V difere da variante I pela ausência da primeira parte, pois aqui o sinal é produzido com duas partes, a de assoprar a mão e a de esfregar as mãos, segunda e terceira partes da variante I, respectivamente. Já na variante VI há uma combinação entre a variante IV e a terceira parte da variante I. Como nós já descrevemos as partes desses sinais, não se faz necessária uma nova descrição.

O segundo item é o léxico GOIABA, que apresenta 5 variantes, as quais descreveremos a seguir.

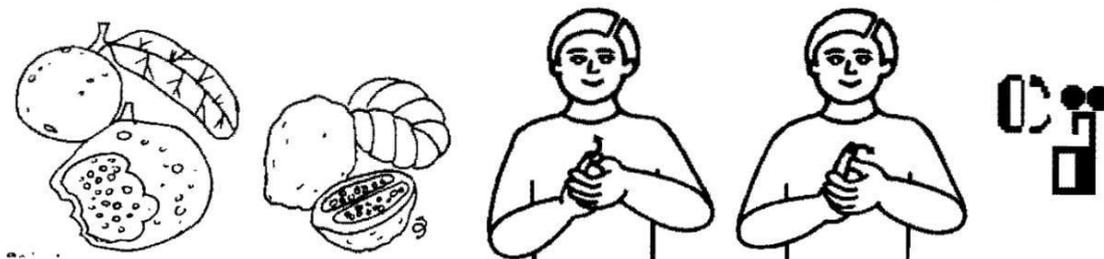


Fonte: elaborada pelo autor (2020).

A variante I é realizada com a configuração 12 () voltada para o corpo na região da boca, sem contato, e com um movimento caracterizado como um pequeno arco para baixo. Em se tratando do espaço, a variante está no campo do espaço do espectador, já que há uma tentativa de representar uma pessoa comendo a fruta. Quanto ao movimento, temos um movimento de modo, indicando como o objeto está sendo manuseado. Por fim, a configuração é de manipulação, mais especificamente da classe segurar, já que a variante representa o sinalizante segurando a goiaba.

Na variante II, vemos o mesmo sinal que aparece no dicionário de Libras (Capovilla; Raphael; Maurício, 2012), conforme ilustração a seguir.

Figura 6 – Sinal GOIABA em Libras segundo o dicionário de Libras.



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício (2012).

A variante é produzida com duas configurações. Na mão não dominante, vemos a configuração 12 (👉) deitada com a palma voltada para o lado e, na mão dominante, a configuração 25 (👉) realizando um movimento interno ondulado (contraíndo, fechando e abrindo duas vezes), com o dedo indicador encaixando o corpo da mão dominante no espaço entre o polegar e os dedos da mão não dominante. Os sinais estão no espaço neutro.

Quanto às unidades representativas, vemos que a combinação entre a mão base e o corpo da mão dominante forma uma estrutura circular que representa a própria fruta enquanto o dedo indicador representa uma larva, conhecida popularmente como “bicho da goiaba”. Por mais que essa larva de moscas apareça em diversas frutas, a goiaba é mais conhecida pelo senso comum como sendo a fruta que carrega as larvas. Essa marca acabou sendo tão característica da fruta que é utilizada nessa variante para representar a fruta. Neste caso, as mãos formam duas configurações de entidades inteiras, uma da fruta e uma da larva. O movimento é de modo, pois indica como a larva se movimenta. Em relação ao espaço, este é esquemático, uma vez que redimensiona a fruta e a larva.

Por fim, a variante III, que apresenta a configuração 12 (👉) na mão base e a configuração 25 (👉) na mão dominante, ambas no espaço neutro. A mão dominante

faz um movimento de oscilação no dedo indicador, como se estivesse tocando várias vezes no espaço entre o polegar e os dedos da mão base. Esse movimento representa as sementes da goiaba, como se a mão base estivesse representando a fruta partida.

Diferente da variante II, o movimento se encontra no espaço do espectador. A diferença é sutil e repousa na mão base, que na variante II representa o objeto e na variante III representa a pessoa pegando o objeto, por mais que a mão direita esteja agindo como um adjetivo, trazendo informações sobre a sua aparência. Quanto ao movimento, desta vez é de distribuição, pois cada toque representa uma semente. A configuração da mão base é de manipulação, de segurar, e a configuração da mão dominante é de forma da superfície. Houve também para este item composições de sinais.

Figura 7 – Variantes IV e V para o léxico GOIABA.



Fonte: elaborada pelo autor (2020).

A variante IV é uma composição das variantes I e III, juntando o sinal que faz referência a comer a fruta com o sinal que descreve as sementes da fruta. A variante V

é uma composição entre as variantes I e II e mais uma vez ele faz referência a comer a fruta e, em seguida, o sinal com a larva da mosca. Isso acontece porque o sinal de comer a fruta também significa FRUTA, como um hiperônimo. Então, essas composições envolvem um hiperônimo e um especificador, um tipo de composição que aparece na Libras em sinais hipônimos, segundo Santos (2018).

O terceiro item é MARACUJÁ, e suas variantes são 4, conforme a figura a seguir, que traz as duas primeiras:



Fonte: elaborada pelo autor (2020).

A primeira variante, aquela em que o falante realiza o sinal com a mão aberta encostando no peito, foi encontrada no aplicativo Hand Talk⁷ quando realizamos a busca, conforme a ilustração a seguir.

⁷ O Hand Talk é um aplicativo que contribui para a aprendizagem de Libras. Nele é possível encontrar um número extenso de léxicos.

Figura 9 – Sinal para MARACUJÁ em Libras segundo o aplicativo Hand Talk.



Fonte: Aplicativo Hand Talk.

A variante foi sinalizada pelos surdos da pesquisa (H-EM-MCZ; M-EM-MCZ; H-SU-MCZ e M-SU-MCZ) com a configuração 54 (👉), com um movimento de oscilação nos dedos sobre a lateral esquerda do peito, com a palma voltada para dentro. O sinal é lexicalizado e se apresenta sem uma relação de representação com o referente. No entanto, ao realizarmos a pesquisa em outros dicionários, encontramos um sinal próximo aos sinais apresentados, mas com uma configuração e um movimento diferentes, conforme a figura a seguir:

Figura 10 – Sinal de MARACUJÁ.



Fonte: Minidicionário SAT (2010, p. 61).

Essa outra variante foi fundamental para que pudéssemos entender o sinal. O sinal da variante do minidicionário também significa CORAÇÃO em Libras. Como a flor do maracujá, no Brasil, é chamada de flor da paixão, é possível que tenha surgido do referente PAIXÃO o sinal ligado ao coração. Essa variante, portanto, tem como raiz outro sinal lexicalizado. Diferente de outras variantes descritas, em que o sinal raiz apresentava uma representação, neste sinal o sinal, além de não se referir à paixão diretamente, também não apresenta muitas unidades de representação, tendo somente o ponto de articulação em comum com o referente. Em suma, podemos dizer que não há marcas de iconicidade nessa variante em relação ao sinal MARACUJÁ.

A segunda variante também surge de outro sinal do núcleo do léxico. Desta vez, o sinal SONO é utilizado como uma referência semântica do efeito que o suco de maracujá pode ter quando alguém o toma. A relação entre a fruta e o efeito é tão comum para as pessoas dessa comunidade que o sinal SONO se tornou representativo da fruta. No dicionário de Libras (Capovilla; Raphael; Maurício, 2012), o sinal é feito da mesma maneira, como é possível observar na figura a seguir.

Figura 11 — Sinal para SONO em Libras segundo o dicionário de Libras.



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício (2012).

A variante é feita com a configuração 21 () no ponto de articulação próximo ao olho, com um movimento interno de fechar e abrir os dedos indicador e polegar. Do ponto de vista da representação, o espaço é esquemático, já que os dedos representam as pálpebras numa escala diferente. O movimento é de modo, indicando como a pálpebra se desloca, e a configuração é parcial, já que representa uma parte do corpo.

Figura 12 – Variantes III e IV para o léxico MARACUJÁ.



Fonte: elaborada pelo autor (2020).

A variante III foi realizada da mesma maneira que a variante IV do item goiaba. Uma mesma pessoa produziu as duas variantes. É possível que o surdo não conheça os sinais para os referentes e, por conta disso, se apoiou na descrição da imagem apresentada, já que em ambas a fruta aparece partida, com sementes no seu interior. Por fim, há a variante IV, que é uma composição entre as variantes II e III. É possível que o sinal SONO tenha aparecido para especificar o sinal com as sementes, já que ele também foi utilizado para goiaba.

3.1 Variáveis sociais: sexo e escolaridade

Antes de apresentar os resultados item por item, se faz necessário considerar a amostra coletada para análise. Segundo Labov (1972), seria necessário haver uma quantidade de participantes maior para ser representativa da comunidade de fala. A quantidade de participantes desta pesquisa no que se refere a homens e mulheres e a surdos do Ensino Médio ou Superior não nos deixa chegar a conclusões efetivas sobre

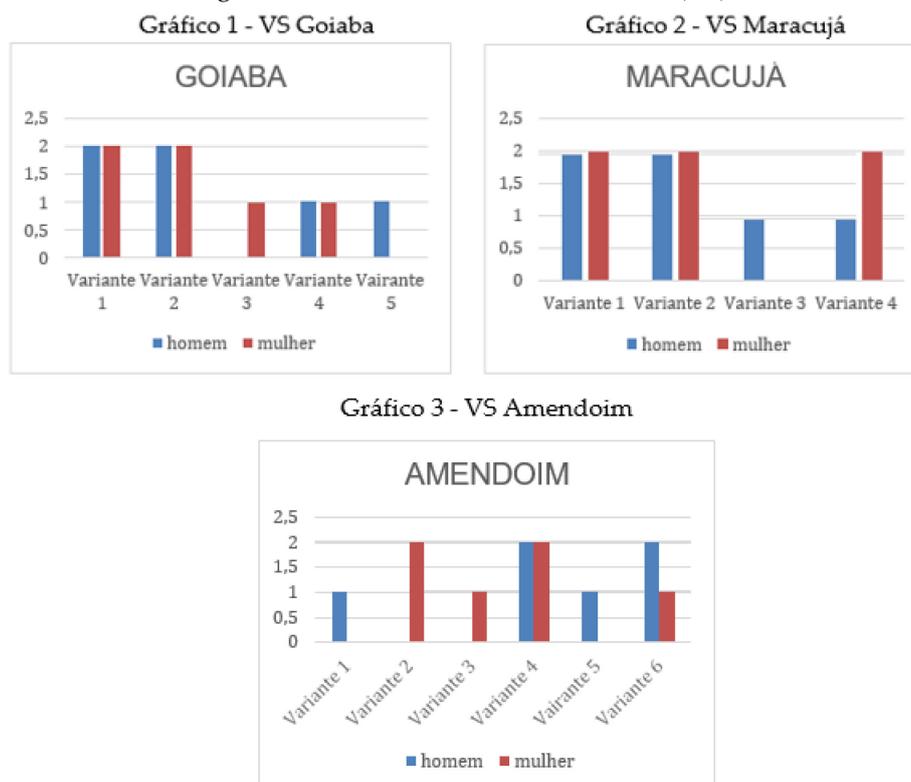
o uso real da Libras pelos surdos de Alagoas. Porém, é possível que encontremos pistas quanto ao uso da Libras no estado que, futuramente, poderão ser investigadas mais a fundo, portanto entendemos a relevância destes resultados e deste trabalho como um todo.

Dito isso, apresentaremos as variáveis sociais, aqui divididas em variável sexo e variável escolaridade. Apresentaremos gráficos com os resultados e discutiremos estes em seguida.

3.2 Variável sexo

As imagens dos gráficos a seguir representam os resultados quantitativos para a variável sexo. De acordo com os gráficos, não há efeito da variável sexo na distribuição do uso das variantes de cada item lexical investigado, visto que tanto homens quanto mulheres produzem variantes diversificadas.

Figura 13 – Gráficos com a variável sexo (VS).



Fonte: arquivo do autor (2020).

3.3 Variável escolaridade

Os gráficos a seguir representam os resultados quantitativos para a variante escolaridade. Do mesmo modo que a variável sexo, não há efeito da escolaridade na distribuição do uso por variante. É possível observar que os participantes de mesma escolaridade produziram variantes diversas, também utilizadas por participantes de escolaridade distinta.

Figura 14 – Gráficos com a variável escolaridade (VE).
Gráfico 4 - VE Goiaba Gráfico 5 - VE Maracujá

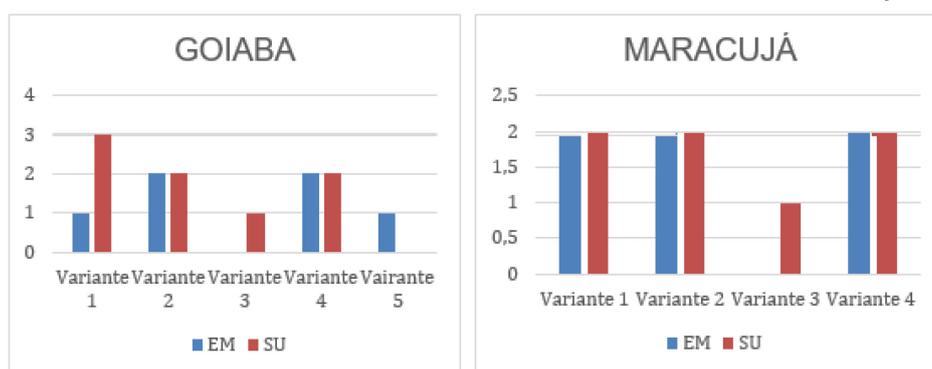
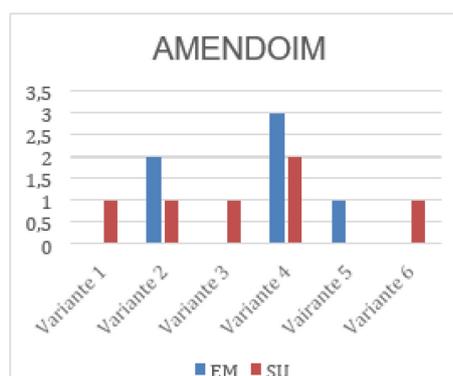


Gráfico 6 - VE Amendoim



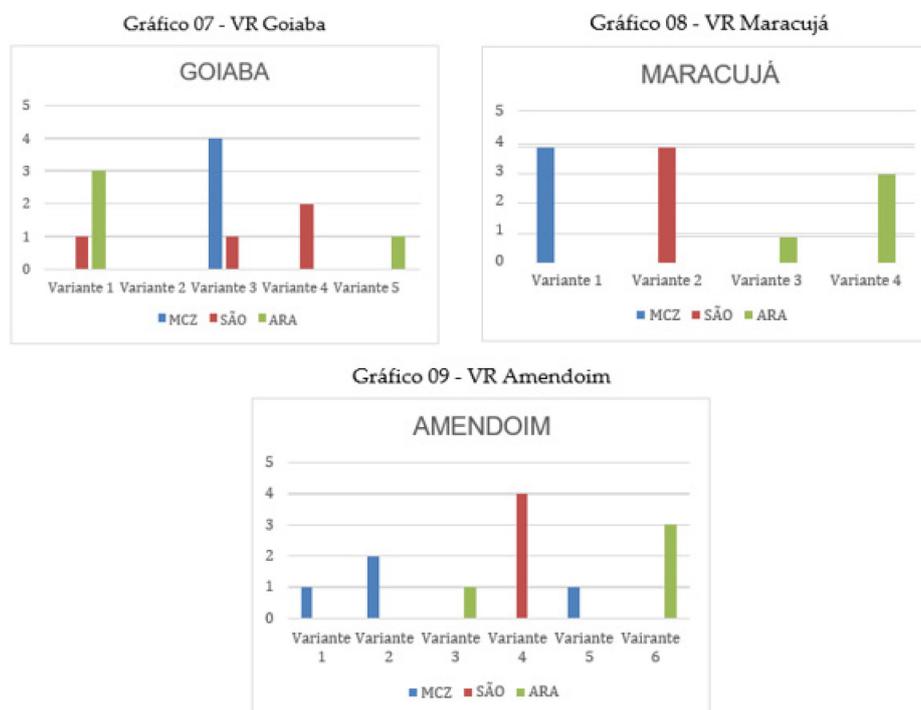
Fonte: arquivo do autor (2020).

3.4 Variável regional

Os resultados para esta variável foram mais significativos. Os gráficos mostram que o uso de cada variante é distribuído de acordo com a região do falante. Com exceção do item GOIABA, não há sobreposição de uso de variante entre regiões

distintas para nenhum dos outros itens lexicais, indicando harmonia de uso regional nos casos investigados.

Figura 15 — Gráficos da variante regional (VR).



Fonte: arquivo do autor (2020).

O item MARACUJÁ apresenta maior demarcação regional. Todos os surdos de Maceió produziram a variante com a mão no peito, e aqueles de São Miguel produziram a variante com o sinal correspondente a SONO. Três dos quatro surdos de Arapiraca produziram o sinal com a mão apontando as sementes.

3.5 Uma discussão geral

O léxico de uma determinada comunidade linguística é um fator importante para a riqueza de sua cultura. De acordo com Nascimento (2021, p. 24), “o léxico é o nível linguístico que melhor representa o modo como o povo representa a realidade, seus valores, crenças e como nomeiam o mundo em que vivem”. Diante disso, na análise realizada, podemos concluir, preliminarmente, que as variáveis sociais, neste

estudo as variáveis sexo e escolaridade, não são fatores decisivos para a seleção e o uso de variantes específicas dos itens lexicais investigados. Por outro lado, o fator região incide diretamente na distribuição das variantes por participante, apontando uma estratificação bem delimitada na amostra em questão.

Diante disso, o regionalismo é importante para identificarmos o falante e a riqueza de seus costumes, o lugar ao qual pertence, especificamente os surdos participantes da pesquisa, pois todos são naturais de Alagoas. “É variação diatópica, também conhecida por regional ou, ainda, geográfica, a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa através do modo como ela fala” (Coelho *et al.*, 2010, p. 76).

Vale ressaltar que, se considerarmos as múltiplas regiões, as variantes aumentam significativamente em quantidade, uma vez que os surdos participantes apresentaram registros que variam bastante e, mesmo em condições de região compartilhada (ou seja, surdos da capital em contato com surdos do interior e vice-versa), os itens apresentam variantes diversas que podem chegar de um a três registros por região, o que parece afastar os itens da possibilidade de um uso padrão ou predominante. Um fator que pode justificar esse número de variantes por item é o caráter referencial icônico presente em línguas de sinais.

4 Considerações finais

Concluimos, preliminarmente, que as variáveis sociais sexo e escolaridade não interferem na produção lexical dos surdos dos três municípios. Quanto à variação regional, como resultados mais significativos, vimos que, exceto em GOIABA, todos os outros itens apresentaram variantes diferentes, por região, ou seja, os falantes de Maceió sempre produziram uma variante diferente dos de São Miguel e de Arapiraca, e os de São Miguel sempre produziram variantes diferentes dos de Maceió e Arapiraca.

Em meio a esse resultado, acreditamos que as vivências e os costumes que cada território expressa (capital e interiores, aqui investigados) podem influenciar na sinalização dos seus falantes e demonstrar a riqueza cultural do seu povo.

Em meio ao que foi exposto, sugerimos, como análises futuras, um aumento na amostra de participantes e o cruzamento das variáveis, sobretudo as de escolaridade e região, considerando que a maior parte da população surda com nível superior se concentra na capital. Nesse caso, pode-se utilizar outros procedimentos metodológicos previstos por Labov, já que nesta pesquisa não foram contemplados todos esses procedimentos. Além disso, outras variáveis podem ser observadas, como o tempo de uso da língua, o tipo de surdez, entre outras informações contextuais importantes para estudos com essa população.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2002.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. 2. ed., v. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2012.

COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

DIZEU, L. C. T. de B. Procedimentos metodológicos para uma investigação sociolinguística com a língua brasileira de sinais. *In*: FREITAG, R. M. Ko. (org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p. 61-70. DOI <https://doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-5cap>

FARIA-NASCIMENTO, S. P. de. **Representações lexicais da LSB: uma proposta lexicográfica**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Brasília, 2009.

FELIPE, T. A. A estrutura frasal na LSCB. *In*: **Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL**. Recife, 1989. p. 663-672.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language: An Introduction to Sign Language Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511607479>

KENEDY, E. Curso básico de linguística gerativa. *In*: SANTOS, M. de M. **Semântica da Libras: hiperônimos e hipônimos e o desenvolvimento linguístico da criança surda**. São Paulo: Contexto, 2018.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

NASCIMENTO, J. R. Regionalismo na Libras: diferenças presentes na execução dos sinais. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 79, 2021.

QUADROS, R. M. de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. *et al.* (org.). **A gramática da Libras**. Rio de Janeiro: INES, 2023.

SANTOS, M. de M. **Semântica da Libras: hiperônimos e hipônimos e o desenvolvimento linguístico da criança surda**. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura). Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Maceió, Alagoas, 2018.

SANTOS, R.; VITÓRIO, E. Uma rodada no GOLDVARB X. *In*: COSTA, J.; SANTOS, R. (org.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011. p. 23-62.

XAVIER, A. N. Variação fonológica na Libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. *In*: **Anais do XVI Seminário de Teses em Andamento**. Unicamp, p. 119-145, 2011.

Artigo recebido em: 30.03.2024

Artigo aprovado em: 24.06.2024